



As coisas não se ouvem de fora: poesia, autismo e apóstrofe em Tito Mukhopadhyay e Mô Ribeiro

Things are not heard from the outside: poetry, autism, and apostrophe in Tito Mukhopadhyay and Mô Ribeiro

Dossiê: A contemporaneidade da lírica: apóstrofes, endereçamentos e anacronismos

Gustavo Ruckert*

ORCID: 0000-0002-9267-5229

E-mail:

gustavo.ruckert@ufpel.edu.br

Sophia Mendonça**

ORCID: 0000-0003-4871-5577

E-mail:

contatosophiamendonca@gmail.com

Camila de Oliveira Paz***

ORCID: 0009-0000-5706-1531

E-mail:

camispazz@gmail.com

Selma Sueli Silva****

ORCID: 0000-0003-2481-7624

E-mail:

selmasueli@gmail.com

Recebido: 06/11/2025

Aprovado: 27/02/2025

Resumo:

Este artigo busca compreender possíveis relações entre o recurso poético da apóstrofe e o engajamento com objetos presentes em manifestações de pessoas autistas. A análise é realizada com foco na produção poética de dois poetas autistas que se destacam pela utilização de apóstrofes: o indiano Tito Mukhopadhyay e a brasileira Mô Ribeiro. Para o desenvolvimento da análise, os principais aportes teóricos utilizados são as proposições sobre poesia, apóstrofe e personificação de Jonathan Culler; as reflexões sobre linguagem autista de Elizabeth Fein, Laura Sterponi, Amanda Baggs e Gustavo Rückert, bem como as aproximações sobre linguagem e poesia propostas por Ralph James Savarese. Os resultados apontam para uma diferença epistêmica na utilização do endereçamento apostrofico por parte dos poetas autistas. Culler propõe que o diálogo estabelecido com objetos ou seres inanimados possui validade simbólica e é aceito dentro de uma espécie de pacto poético. No entanto, em poetas como Mukhopadhyay ou Ribeiro, percebemos o alargamento dessa utilização, sendo reconhecida a alteridade de elementos da natureza ou de seres ditos inanimados. Assim, a linguagem autista se aproximaria de uma visão de mundo ameríndia ou africana e oferece importante contraponto à violência epistêmica ocidental que denunciam autores como Boaventura de Sousa Santos e Severino Ngoenha.

Palavras-chave:

Poesia; autismo; apóstrofe; Tito Mukhopadhyay; Mô Ribeiro.

Abstract:

This paper seeks to understand the possible relationships between the poetic device of apostrophe and the engagement with objects present in the expressions of autistic people. The analysis focuses on the poetic production of two autistic poets notable for their use of apostrophes: the Indian Tito Mukhopadhyay and the Brazilian Mô Ribeiro. For the development of the analysis, the main theoretical contributions used are the propositions on poetry, apostrophe, and personification by Jonathan Culler; the reflections on autistic language by Elizabeth Fein, Laura Sterponi, Amanda Baggs, and Gustavo Rückert, as well as the approaches to language and poetry

*Professor do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, com atuação no Programa de Pós-Graduação em Letras, linha de pesquisa Literatura, Cultura e Tradução. Doutor em Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Coordenador do projetos de pesquisa "As palavras a girar: poesia autista em movimento" (UFPel/CNPq) e "Representações da deficiência na literatura pós-colonial em língua portuguesa" (UFPel/CNPq). Membro da Associação Brasileira para Ação por Direitos das Pessoas Autistas.

**Doutoranda em Letras, linha de pesquisa Literatura, Cultura e Tradução pela Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduada em Jornalismo, pelo Centro Universitário de Belo Horizonte. Integrante do projeto de pesquisa "As palavras a girar: poesia autista em movimento" (UFPel/CNPq).

***Mestranda em Letras, linha de pesquisa Literatura, Cultura e Tradução pela Universidade Federal de Pelotas. Graduada em Letras - Redação e Revisão de Textos, pela Universidade Federal de Pelotas. Integrante do projeto de pesquisa "As palavras a girar: poesia autista em movimento" (UFPel/CNPq). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

****Mestranda em Letras, linha de pesquisa Literatura, Cultura e Tradução pela Universidade Federal de Pelotas. Pós-graduada em Comunicação e Gestão Empresarial pela IEC/MG. Graduada em Jornalismo e Relações Públicas pela PUC/MG. Integrante do projeto de pesquisa "As palavras a girar: poesia autista em movimento" (UFPel/CNPq).



proposed by Ralph James Savarese. The results point to an epistemic difference in the use of apostrophic address by autistic poets. Culler proposes that the dialogue established with inanimate objects or beings has symbolic validity and it is accepted within a kind of poetic pact. However, in poets like Mukhopadhyay or Ribeiro, we perceive an expansion of this usage, which the otherness of natural elements or so-called inanimate beings is recognized. Thus, autistic language would approach an Amerindian or African worldview and offers an important counterpoint to the Western epistemic violence denounced by authors such as Boaventura de Sousa Santos and Severino Ngoenha.

Palavras-chave:

Poetry; autism; apostrophe; Tito Mukhopadhyay; Mô Ribeiro.

Poesia, apóstrofe e linguagem autista

No texto “Retórica, Poética e Poesia”, pertencente ao Manual de teoria literária, publicado em 1997, Jonathan Culler apresenta uma provocativa definição de poesia. Para o teórico estadunidense, a poesia “é a linguagem que faz uso abundante de figura de linguagem e linguagem que visa a ser poderosamente persuasiva” (1999, p. 72). A utilização de elementos figurados não é exatamente uma novidade na definição, mas sim a sua utilização com objetivo de convencimento. Dessa forma, a poesia para Culler é capaz de unir poética e retórica.

A figura de linguagem utilizada por Culler para exemplificar sua definição é justamente a apóstrofe, ou seja, o ato de dirigir-se a um ouvinte que não é regular ou esperado (1999, p. 79). Tal utilização é retórica por mais convincente do estado emocional de um sujeito lírico, que clama a árvores, montanhas ou rochas uma compreensão. É retórica, ainda, por ser uma marca característica do gênero lírico de acordo com o teórico. Em uma sociedade logocêntrica (Derrida, 1981) como a ocidental, tal uso não lógico ou regular da comunicação seria a prova de que se está diante de uma voz poética.

A exigência hiperbólica de que o universo o escute e aja de acordo é uma providência pela qual os falantes se constituem como poetas sublimes ou como visionários: alguém que pode se dirigir à Natureza e a quem ela poderia responder. O “Oh” da invocação é uma figura de vocação poética, uma providência pela qual a voz que fala afirma não ser um mero falante de versos mas uma corporificação da tradição poética e do espírito da poesia. (Culler, 1999, p. 78-79)

Quando nos referimos à tradição logocêntrica como parâmetro para a compreensão cultural da apóstrofe, é necessário lembrar que a manifestação metafísica da razão foi construída no ocidente em oposição a determinados grupos sociais, tidos por isso como menos humanos ou à margem da universalidade construída pelo humanismo moderno. O “império cognitivo” do ocidente, conforme aponta Boaventura de Sousa Santos (2019), foi erigido às custas do apagamento de saberes dos povos colonizados e das mulheres. A manifestação da racionalidade é, assim, a manifestação de uma razão eurocentrada que toma a alteridade, seja ela formada por humanos ou não humanos, como objeto em sua violência epistêmica.

Ao descentrar o império cognitivo e pensar em outras possibilidades epistêmicas, não são poucos os povos que tomam a alteridade, inclusive aquela tida como não

humana, como constitutiva de uma consciência cósmica ou planetária. Ao explicar as culturas africanas, por exemplo, o filósofo Severino Ngoenha demonstra a integração entre os seres (incluindo rios ou solos, por exemplo), para a formação de um equilíbrio de forças vitais.

A ética africana consiste no ‘reconhecimento da unidade do mundo’ e do agir para manter o equilíbrio das forças, da ordem e da estabilidade. Desta concepção deriva a ideia do sagrado, fulcro de toda a vida africana, onde cada ser, cada coisa, possui uma força vital de energia divina. (Ngoenha, 2023, p. 52)

Se o império cognitivo do ocidente relegou à periferia da modernidade saberes do pensamento africano, é importante ressaltar que um processo de violência epistêmica também ocorreu com aqueles corpos ocidentais tidos como errados ou improdutivos, em última análise, irracionais. Nesse sentido, ressaltamos neste trabalho a construção diagnóstica do autismo como indissociável do império cognitivo. Gustavo Rückert (2021, p.14) define o conceito de “taxonomia da ausência” como a caracterização médica da linguagem autista sempre a partir de ausências, como falta de lógica, de coerência central, de progressão argumentativa, de clareza, de intencionalidade, de compreensão contextual, de noção de turnos de fala, de percepção figurada, de sentimentos, de subjetividade, de inconsciente, de teoria da mente, entre tantos outros. Assim, quando uma pessoa autista verbaliza repetidamente alguns sons ou realiza movimentos circulares com objetos, não se reconhece uma interação.

Se a tradição médica definiu a linguagem autista a partir de uma taxonomia da ausência, linguistas e psicólogos têm refutado algumas de suas definições. Ressaltam-se aqui os trabalhos de Elizabeth Fein (2018) e Laura Sterponi (2018), que explicam que a linguagem autista se configura como um “modo de engajamento”. De acordo com ambas, as pessoas autistas estão em constante comunicação quando repetem sons ou movimentam objetos, pois é a partir da corporalidade e da relação sensorial com o mundo que expressam anseios, desejos ou estados.

As práticas denotacionais autistas descortinam a relação inerente da linguagem com o contexto, o que implica polissemia, e jamais podem ser inteiramente separadas ou limitadas à simulação do significado literal. Os relatos autistas de criação de sentido revelam, portanto, como sugerem Freire Costa e Grinker, engajamento com o potencial da linguagem de expandir a experiência, de aprofundar nossa conexão com o mundo dos outros e os artefatos culturais. (Sterponi, 2018, p. 222)

Na mesma linha argumentativa de Fein e Sterponi, a ativista Amanda Baggs, uma autista não oralizada, publicou em 2007 um importante vídeo-manifesto intitulado Na minha língua. O vídeo em questão é dividido em duas partes: “Na minha língua”, em que Baggs realiza movimentos circulares e vibratórios com elementos como a água, o ar, uma maçaneta ou um livro, e “Uma tradução”, em que explica a primeira parte com o auxílio de recursos de comunicação alternativa.

Diferente do que definiu a lógica ocidental, Baggs não considera os corpos mencionados da água, do ar, da maçaneta e do livro como inanimados ou meros objetos a

serem definidos epistemicamente por um sujeito. Pelo contrário, os considera como corpos com os quais se comunica, rompendo com o estereótipo do autista enquanto ser isolado ou trancafiado em si:

Nesta parte do vídeo a água não simboliza nada. Eu estou apenas interagindo com a água, e a água está interagindo comigo. Longe de ser sem propósito, o jeito que eu me movimento é uma resposta automática ao que está ao meu redor. Ironicamente, o jeito que me movimento quando interajo com tudo ao meu redor é descrito como “estar em um mundo só meu”. (Baggs, 2007, 3:39-4:12)

Dialogar com corpos inanimados pode ser tido como indício de loucura ou de ausência de razão para a medicina ocidental, a não ser que esse diálogo esteja autorizado pelo código da poesia, sob as figuras da apóstrofe e da personificação, conforme ressaltado por Culler (1999). Baggs, no entanto, reivindica seu pensamento e, por consequência, sua humanidade ao apontar para a diversidade epistêmica do mundo:

O meu jeito natural de pensar [...] é tão diferente dos padrões da sociedade [...] que até há pessoas que não consideram como forma de pensamento, mas é uma maneira de pensar com certeza. Entretanto, os pensamentos das pessoas como nós só são levados a sério se nós aprendermos a sua linguagem. (Baggs, 2007, 4:37- 4:55)

Mas qual a relação entre poesia e linguagem autista? É justamente ela que fundamenta os estudos do crítico literário Ralph James Savarese. Em *What some autistics can teach us about poetry: a neurocosmopolitan approach*, Savarese (2015) explica que o texto poético se fundamenta na criação e na ruptura de padrões de linguagem. Repetição, circularidade, prazer pelo aspecto sonoro das palavras e de suas combinações são algumas das características da musicalidade poética. Há nesse exercício algo de interação, movimento, encanto e controle de expectativas. O pesquisador aponta que há uma maior aptidão de autistas para a musicalidade poética, bem como para a sinestesia, da mesma forma que há em neurotípicos uma maior aptidão à questão semântica do poema. Por isso, defende em seus estudos a poesia como espaço de tradução, de interação cultural possível à neurodiversidade humana, portanto, neurocosmopolita.

Sendo a poesia caracterizada pela repetição e ruptura de padrões (Savarese, 2015), bem como pela manifestação de um espírito apostrófico que percorre a tradição lírica (Culler, 2019; 2015), o gênero revela-se não apenas como local seguro de expressão autista, mas como importante contraponto ao império cognitivo, exercitando-se assim uma consciência planetária necessária e comum à linguagem autista. Se em Teoria da lírica, publicado em 2015, Culler alargou os contornos da poesia ao analisar a prevalência da lírica em textos contemporâneos, como os poemas em prosa ou o rap, abordamos aqui outra produção emergente de nossos tempos: os poemas produzidos por pessoas autistas, que muitas vezes ocupam as margens da poética, sendo editados em publicações alternativas por editoras independentes, autopublicação, financiamento coletivo, intermídia em espaços de redes sociais, entre outros. Ao fazê-lo, tais poetas transitam das

⁴ O que alguns autistas podem nos ensinar sobre poesia: uma abordagem neurocosmopolita.

margens da poética a uma “poética das margens” (Schmidt; Alós, 2009), explicitando valores éticos e estéticos comuns à comunidade autista, entre os quais se destaca uma linguagem engajada, conforme demonstrado em Fein (2018), Sterponi (2018) e Baggs (2007), ou que lança mão da apóstrofe, conforme demonstrado por Culler (2019; 2015).

Para analisar o modo como poetas autistas interpelam o mundo ao seu redor por meio da apóstrofe, bem como as implicações disso, abordaremos as obras do poeta indiano Tito Mukhopadhyay e da poeta brasileira Mônica Ribeiro.

Tito Mukhopadhyay e o diálogo com a distância, a terra e os pássaros

Iniciamos esta análise com o poeta indiano Tito Rajarshi Mukhopadhyay. Autista com limitações na fala, Tito se expressa por meio de recursos de comunicação alternativa, sobretudo o método Soma-RPM, desenvolvido por sua própria mãe, Soma Mukhopadhyay. Entre prosa e poesia, já publicou uma quantidade significativa de livros, como *The gold of the sunbeams*², em parceria com Soma Mukhopadhyay (2005), *How can I talk if my lips don't move?*³ (2011), *I'm not a poet but I write poetry*⁴ (2012), *The mind tree*⁵ (2011), *Plankton dreams*⁶ (2015), *The elements*⁷, em parceria com Sarah Sohn (2019) e *Beyond the silence*⁸ (2020). Em seus poemas, Tito percorre diferentes musicalidades, transitando da tradição indiana às formas ocidentais, bem como explora imagens e ambientes urbanos e rurais. A apóstrofe está presente em diversos poemas, permitindo o diálogo seja com elementos da natureza (como nuvens, plantas ou o vento), seja com objetos banais (como uma xícara) ou até mesmo cidades (como Manhattan). Para essas reflexões, abordamos o poema “*Distance, you walked to me*”⁹, presente no livro *I'm not a poet but I write poetry*:

Distância, você caminhou até mim,
Como um estranho ou um amigo,
Do passado para o presente,
Olhando-me nos olhos,
Aproximando-se com passos firmes,
Até que ambos estivéssemos juntos
Caminhando com o som dos
Meus próprios passos.
(Mukhopadhyay, 2012, p. 53, tradução nossa)

O poema em questão personifica e endereça apostroficamente a própria ideia de distância. Nesse sentido, é importante retomar a tradição diagnóstica que construiu a imagem da pessoa autista como uma pessoa distanciada do convívio afetivo ou social, aprisionada em si. Em 1967, o psicanalista Bruno Bettelheim publicou o clássico A

²O ouro dos raios de sol

³Como eu posso falar se meus lábios não se movem?

⁴Eu não sou poeta, mas escrevo poesia

⁵A árvore da mente

⁶Sonhos de plâncton

⁷Os elementos

⁸Além do silêncio

⁹Distância, você caminhou até mim

fortaleza vazia, no qual se utilizava da metáfora do castelo para explicar a condição autista como uma condição distanciada da vida social. Ao eleger a distância como interlocutor do poema, o sujeito lírico em questão recupera essa tradição para subvertê-la. No lugar de um sujeito incommunicante e trancafiado em si, temos um sujeito transbordante, que se comunica com todos os elementos, inclusive os mais abstratos, como a distância.

Nesse diálogo com a distância, os versos constroem uma progressão de ações que têm como protagonista o interlocutor, no caso a própria distância: a distância caminhou, tornou-se familiar, atravessou o tempo, observou, e, por fim, acompanhou a marcha do sujeito lírico. De um estranho indesejado, a distância tornou-se companhia. Por espelhamento, também incitou ações socialmente inesperadas para uma pessoa autista: olhar nos olhos, caminhar decididamente, acompanhar... Alguns estudos mais recentes sobre a condição autista, como a teoria da dupla empatia, de Damian Milton (2012), explicitam o autista como um ser que deseja comunicar e interagir. A solidão, nesse sentido, não seria uma característica do autismo, mas uma consequência vivenciada pela incompreensão e pelo preconceito social. O poema de Tito confirma isso ao demonstrar uma grande mobilização comunicativa, na qual mesmo a distância (e essa sempre evoca metaforicamente a solidão) pode ser companhia. O sujeito lírico e sua apóstrofe caminham. Para onde, não sabemos. Mas talvez o mais importante seja o próprio ato de se movimentar, e o movimento, paradoxalmente, transpõe distâncias.

Outro poema significativo para compreender o uso das apóstrofes na poética de Tito Mukhopadhyay é “*Misfit*”, também presente em *I’m not a poet* (...):

Lá estava a terra, a girar e girar.
As estrelas se recolheram, como se
Não encontrassem nada de errado em nada.

Pássaros voaram a manhã inteira –
o céu se iluminou
Diante da terra, a girar e girar.

Minhas mãos, como de costume, balançavam.
Os pássaros sabiam que eu era autista;
Eles não encontraram nada de errado em nada.

Homens e mulheres encararam o movimento da minha cabeça.
Eles me rotularam desajustado.
(Um desajustado, a girar e girar).

E então eu era o vento, soprando.
Alguém percebeu o meu truque?
Eu não encontrei nada de errado em nada.

Em algum lugar, surge um desejo,
Talvez por entre meus lábios sorridentes.
Por que parar de girar e girar
Se o certo e o errado podem ser encontrados em tudo?
(Mukhopadhyay, 2012, p. 44, tradução nossa)

¹⁰ Desajustado

O poema, preponderantemente em tercetos, apresenta uma relação conflitiva entre três elementos: sujeito lírico (declaradamente autista), a natureza (a terra, as estrelas, os pássaros) e a sociedade (homens e mulheres). Ressaltamos aqui a personificação dos elementos da natureza. A terra rodopia, assim como o sujeito lírico que realiza os movimentos circulares conhecidos como *stims*, característicos do autismo. Rodopiar como a própria terra, neste caso, indica que não há motivo para patologização da expressão corporal do sujeito lírico. Por outro lado, a sociedade (representada por homens e mulheres) é quem condena *stims* e rotula o sujeito lírico como um “desajustado”, palavra destacada no próprio título do poema.

A naturalização dos movimentos na relação sujeito lírico/natureza e a condenação desses na relação sujeito lírico/sociedade evidencia que este corpo está em desajuste com aquilo que a antropóloga da deficiência Anahi Guedes de Mello (2016) nomeia “corponormatividade”. Ou seja, o desajuste é com regras e normas sociais que condicionam movimentos aceitos e não aceitos para um corpo. Por outro lado, há o pleno ajuste ou pertencimento às relações do cosmos ou da natureza. A personificação dos pássaros confirma esse pertencimento, uma vez que, inalterados em sua rotina de voos matinais, expressam naturalidade diante do sujeito lírico: “eles não encontraram nada de errado em nada”.

É certo que a personificação de elementos da natureza, por si, não configura a utilização do recurso da apóstrofe. Essa, por sua vez, pode ser entendida a partir da interpretação da última estrofe do poema, a única quadra do texto. Aqui, ao invés da manifestação da natureza ou da sociedade, temos a fala do próprio sujeito lírico: “Por que parar de girar e girar / Se o certo e o errado podem ser encontrados em tudo?”. Não há um interlocutor claro para este questionamento, podendo este ser dirigido a qualquer um dos três elementos tensionados no poema: 1. Do sujeito lírico para si, como autorreflexão; 2. Do sujeito lírico para a sociedade, como contestação; 3. Do sujeito lírico para a natureza, como confirmação de um aprendizado proferido por ela. A última hipótese interpretativa possibilita ver a pergunta que desfecha o poema como endereçamento apostrofático. Os lábios sorridentes com o surgimento do desejo de indagar podem evidenciar duas percepções: 1. É um sorriso desafiador se direcionado à sociedade; 2. É um sorriso satisfeito se direcionado apostroficamente à natureza.

A apóstrofe confirma assim na poética de Tito Mukhopadhyay um sujeito lírico que se comunica corporalmente e verbalmente, com homens, mulheres, a terra, os pássaros ou mesmo com a distância. Essa comunicação leva à reflexão, à desconstrução de preconceitos sociais e, em última instância, à autoaceitação. Conversar com os corpos que compartilham conosco a existência revela-se assim uma postura poética, mas também estética e terapêutica.

Mô Ribeiro e a alma de dentes, maxilares e umbigo

A segunda poeta que abordamos neste estudo é Mô Ribeiro, brasileira, autista, que afirma ter se descoberto poeta por “inconsistência do inconsciente” (Ribeiro, 2020, orelha do livro). Mô Ribeiro estreou na poesia em 2020 com *Paganíssima trindade*. Também publicou em uma série de revistas e periódicos de poesia, como *Caliban*, *Mallarmargens*, *Ruído Manifesto*, *Revista Acrobata*, *Mirada*, *Revista Ser MulherArte*, entre outros. Em *Paganíssima trindade*, chama a atenção o recurso da interlocução com diversos elementos, como ampuhetas, espelhos, lua ou nuvens. Mais especificamente, chama a atenção a interlocução com partes do corpo, como pernas, cabeça ou umbigo, que ora são personificados e se tornam sujeitos sintáticos, capazes de realizar atividades por si, ora são interrogados pelo sujeito lírico aproximando-se do recurso da apóstrofe.

O poema de abertura do livro, “Ânima”, embora não lance mão diretamente da personificação ou da apóstrofe, é importante para a compreensão desses elementos em sua poética, já que os explica. O poema funciona, assim, como chave de leitura para uma proposta poética que extravasa a comunicabilidade autista ao dialogar com elementos não convencionais.

As coisas têm vida
se vida damos a elas

[quem me ensinou foi Patti Smith]

Mas eu já sabia
Só não tinha coragem
ainda
de falar com as coisas

E tinha menos coragem
ainda mais
ou ainda menos
de ouvir as respostas das coisas

Mas não

Coragem de ouvi-las
não tenho
ainda

Para tanto
é preciso saber
ouvir o dentro

As coisas não se ouvem de fora
(Ribeiro, 2020, p. 17)

Há dois elementos que merecem destaque na perspectiva de uma linguagem como modo de engajamento com o entorno, característica da linguagem autista segundo Fein (2018) e Sterponi (2018), e que em outros poemas de Mô Ribeiro se manifestam por meio de recursos como apóstrofe e personificação. A primeira delas é o conflito do sujeito-lírico em assumir o seu diálogo com “as coisas”. A percepção de uma alma ou “ânima” de todos os objetos pode ficar evidenciada no intertexto com Patti Smith, porém essa não era uma novidade para si: “Mas eu já sabia / só não tinha coragem / ainda / de falar com as

coisas”. A escolha lexical pela palavra “coragem” expõe esse conflito. Frente a uma sociedade utilitarista, que reduz as coisas a objetos de linguagem, posicionar-se de modo distinto ao logocentrismo pode significar marginalização sob o signo da loucura. A segunda questão a destacar é que há respostas das “coisas”. Mesmo que o sujeito lírico não tenha (“ainda”) coragem de ouvi-las, admite a posição epistêmica das “coisas” enquanto sujeitos de linguagem. Essa percepção provoca, ainda, um deslocamento do indivíduo para assumir uma posição perspectivista ou animista para ser também o outro: “é preciso saber / ouvir o dentro”.

É ao considerar que tudo possui uma “ânlma” que o sujeito lírico passa a dialogar com seres, objetos e partes do corpo nos poemas subsequentes de *Paganíssima trindade*. Como “não possui coragem de ouvir ainda”, fala mais do que escuta nesses diálogos, embora no poema homônimo ao título do livro, seu umbigo imponha uma resposta: “Falo a partir do umbigo mas / quando peço: ‘fale, umbigo!’ / ele se fecha / teimoso [...]. “Quando o guardo sob tecidos / ele resolve escapar / e diz: ‘agora eu falo!’” (Ribeiro, 2020, p. 62). Ao assumir vida própria, independente do corpo a que pertencem, essas partes revelam-se geniosas e provocativas frente à consciência do eu que escreve. Algo semelhante acontece no poema “Maxilar”, em que a parte do corpo é tão importante que nomeia o próprio texto:

Meus dentes
são entes
de osso

Os de cima
nos de baixo
em desalinho

Maxilar desrepousado:
sempre!

Quando durmo:
pesadelo!
Range a cabeça

Acordo:
duros os ombros
bambos os dentes

Maxilar meu:
por favor
se assente
(Ribeiro, 2020, p. 27)

A estrofe que abre o poema evidencia a personificação de partes do corpo ao aproximar (e rimar) dentes/entes. Dentro da “taxonomia da ausência” (Ruckert, 2021), uma das faltas com que são caracterizadas as pessoas autistas é a falta de coerência central ou de uma visão global. Ao invés de assinalar a falta do todo, Ribeiro trabalha com a presença do detalhe e da parte, a que dá atenção e, inclusive, vida e fala. Além dos dentes, tão sujeitos que disputam espaço entre si, a cabeça e os ombros se personificam. O maxilar, ente ósseo principal do poema, torna-se interlocutor de endereçamento

apostrófico na última estrofe: “Por favor / se assente”. Mais uma vez, revela-se um diálogo entre um sujeito lírico hesitante do diálogo e um interlocutor personificado que é genioso e provocativo. No fundo, maxilar e corpo inteiro sugerem como metonímias de autista e sociedade, respectivamente. Se há uma sociedade que condiciona e impõe um padrão de corponormatividade, há o autista que, teimoso como o maxilar de Ribeiro, insiste em não se alinhar com as normas e lugares pré-estabelecidos.

Assim, a poética de Mô Ribeiro recorre à apóstrofe para assinalar não só uma interação entre as partes (mesmo que vistas como desconexas e inanimadas) de um todo, como também ressalta conflitos entre si. Em última análise, ressalta a resistência das partes a uma imposição do logocentrismo e da objetificação: mesmo que escondidos ou ignorados, os umbigos, os maxilares e todos os outros entes se impõem enquanto sujeitos epistêmicos.

Considerações sem final e uma proposição

A respeito da apóstrofe, Jonathan Culler (1999, p. 79) explica que

Conclamar os ventos a soprar ou exigir que o não nascido escute seus gritos é um ato de ritual poético. É ritualístico, na medida em que os ventos não vêm ou o não nascido não ouve. A voz chama a fim de estar chamando. Chama a fim de dramatizar a voz: para intimar imagens de seu poder de modo a estabelecer sua identidade como voz poética e profética. Os imperativos impossíveis, hiperbólicos das apóstrofes evocam eventos poéticos, coisas que serão realizadas, se é que o serão, na eventualidade do poema. (Culler, 1999, p.79)

Ao analisar a utilização do recurso da apóstrofe nos poemas de poetas autistas como Tito Mukhopadhyay e Mô Ribeiro, percebemos um tensionamento epistêmico: por um lado, Culler afirma que o diálogo com ventos ou não nascidos se realiza, apenas, na eventualidade do poema; por outro, os poemas autistas apresentam um caráter que não é apenas simbólico ou ritualístico, pois apontam para a existência do diálogo com objetos tidos como inanimados também fora do texto poético. Tal reivindicação pode ser fundamentada na noção da linguagem autista como um “modo de engajamento” com as coisas ao redor, tal como explicam Elizabeth Fein (2018) e Laura Sterponi (2018) ou, ainda, com o manifesto de linguagem de Amanda Baggs (2007), que traduz o seu diálogo com objetos e elementos da natureza.

A utilização da apóstrofe por parte dos poetas autistas, desse modo, alarga os sentidos e as possibilidades do poético. Se o mesmo Culler (1999) afirma que todo poema contemporâneo é também uma reivindicação teórica acerca dos contornos da poética, poetas como Mukhopadhyay e Ribeiro propõem em seus poemas a renovação do conceito de poesia ao unir a ritualística de um sujeito lírico que manifesta seu pertencimento à tradição poética com a *mimesis* de sua linguagem cotidiana. No fundo, é uma reivindicação do direito de existir e de ser quem se é (e como se é). Não temos a pretensão de encerrar a discussão ou trazer conclusões definitivas sobre o endereçamento apostrófico na poética autista, visto que esse assunto ainda pode ser desdobrado a partir

da análise de outros poetas. Contudo, gostaríamos de fazer uma proposição.

Nos dias atuais, mais do que nunca, é necessário que tenhamos uma consciência planetária (Spivak, 2003) diante do pragmatismo e da violência epistêmica que pautam a relação da humanidade com o seu entorno. A natureza tem sido reduzida à condição de *commodity*. Como objetos de um capitalismo predatório, árvores, animais, águas e minérios sofrem com uma extração desmedida. Objetos criados pelo ser humano, como instrumentos e aparelhos, têm sido tornados obsoletos e descartados cada vez mais rápido sob a égide do utilitarismo e do consumismo.

Os poemas de Tito Mukhopadhyay e Mô Ribeiro, além de renovar as possibilidades do poético, denotam outra possibilidade epistêmica frente ao nosso tempo. Ao considerar terra, estrelas, pássaros, ampulhetas, espelhos, distâncias ou partes do corpo como sujeitos aptos à interlocução, os autistas aproximam-se de epistemes ameríndias e africanas que confrontam o logocentrismo para valorizar a vida como um todo, conforme demonstra Severino Ngoenha (2023). Como quatro pesquisadores autistas, unimos nossas vozes a esses poetas para propor que ouçamos as coisas “a partir de dentro”, retomando a expressão de Mô Ribeiro (2020). No momento em que ouvirmos e dialogarmos com todos os elementos a nosso redor, não os reduziremos mais como peças exploráveis e descartáveis, que é o que, no final das contas, a história tem feito com todas as minorias, incluindo as pessoas autistas.

Referências

ALÓS, Anselmo Peres; SCHMIDT, Rita Terezinha. Margens da poética/ Poética das margens: o comparatismo planetário como prática de resistência. *Organon*, Porto Alegre, v. 23, n. 47, 2009, p. 129-145.

BAGGS, Amanda. *In my language*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JnylM1hI2jc&t=155s>. Publicação em 2017. Acesso em 21 abr 2021.

BETTELHEIM, Bruno. *A fortaleza vazia*. Trad. Livraria Martins Fontes. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

CULLER, Jonathan. Retórica, Poética e Poesia. In.: CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Becca Produções Culturais, 1999. p. 72-83.

CULLER, Jonathan. *Theory of the lyric*. Cambridge: Harvard University Press, 2015.

DERRIDA, Jacques. *Dissemination*. Trad. Barbara Johnson. London: The Athlone Press, 1981.

FEIN, Elizabeth. Autism as a mode of engagement. In.: FEIN, Elizabeth; RIOS, Clarice. *Autism in translation: an intercultural conversation on autism spectrum conditions*. Tulsa: Palgrave Macmillan, 2018. p. 129-153.

MELLO, Anahi Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, Manguinhos, n.21, v.10. n.p., out 2016.

MILTON, Damian. On the ontological status of autism: the 'double empathy problem'. *Disability & Society*, v. 27, n. 6, 2012, p. 883-887.

MUKHOPADHYAY, Tito Rajarshi. *I'm not a poet but I write poetry: poems from my autistic mind*. Bloomington: Xlibris, 2012.

NGOENHA, Severino Elias. *O retorno do bom selvagem: uma perspectiva filosófico-africana do problema ecológico*. Maputo: Ethale, 2023.

RIBEIRO, Mô. *Paganíssima trindade*. Guaratinguetá: Penalux, 2020.

RÜCKERT, Gustavo Henrique. In our language: um manifesto poético e político de Amanda Baggs. In.: MAGNANI, Luis Henrique; RÜCKERT, Gustavo Henrique (orgs). *Linguagem e autismo: conversas transdisciplinares*. Catu: Editora Bordô-Grená, 2021. p. 14-29.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. São Paulo: Autêntica, 2019.

SAVARESE, Ralph James. What some autistics can teach us about poetry: a neurocosmopolitan approach. In.: ZUNSHINE, Lisa (org.). *Oxford handbook of cognitive literary studies*. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 393-417.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Death of a discipline*. New York: Columbia University Press, 2003.

STERPONI, Laura. Commentary: words, voice, silence. In.: FEIN, Elizabeth; RIOS, Clarice. *Autism in translation: an intercultural conversation on autism spectrum conditions*. Tulsa: Palgrave Macmillan, 2018. p. 175-180.